



A Santa Sé

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II AOS IRMÃOS CAPUCHINHOS ITALIANOS POR OCASIÃO DO SEU "CAPÍTULO DAS ESTEIRAS"

Caríssimos Irmãos

*Capuchinhos italianos!*1. Dirijo-me a vós com afecto e cordialmente vos saúdo por ocasião do Capítulo das Esteiras dos Capuchinhos italianos. Estendo a minha saudação a toda a vossa benemérita Ordem, guiada pelo Ministro-Geral Pe. John Corriveau, ao qual envio um pensamento de bons votos. Esta vossa reunião na seráfica cidade de Assis, junto ao sepulcro de São Francisco, fonte viva do carisma franciscano, reveste uma significativa importância seja pelo número dos participantes de facto sois 500, representando aproximadamente 2.500 Irmãos da Itália, seja pelo perfil do encontro, que faz reviver aquela primeira e singular assembleia desejada por São Francisco e conhecida como o "Capítulo das Esteiras" (*Leggenda perugina*, n. 114; *FF* 1673). As temáticas que pretendeis aprofundar inspiram-se no conhecido "Pequeno Testamento" de Siena (*FF* 132-135), que bem evidencia a solicitude do vosso Fundador pela Ordem e as suas últimas vontades: *o amor recíproco entre os Frades, o amor pela pobreza evangélica, o amor pela Igreja*. Pretendeis enquadrar as vossas reflexões no contexto eminentemente existencial e dinâmico das modificadas condições do tempo presente em contínua evolução, à luz dos desígnios providenciais de Deus, que acompanha com o seu amor a "história sagrada" desta nossa época.2. "Como sinal da recordação da bênção e do testamento" (*FF* 133) de São Francisco, a vossa primeira preocupação será sublinhar o sentido e as consequências que o vosso Fundador vos deu: Quis-vos chamar "Frades", "Irmãos". Os termos Irmandade e Irmão expressam significativamente para vós a novidade evangélica do "mandamento novo". O ser irmão deve caracterizar as vossas disposições diante de Deus, diante de vós mesmos e diante de todas as criaturas. Portanto, em função do fundamental valor evangélico da fraternidade vivida, assumem para vós conotações próprias a espiritualidade, o modo de viver, as escolhas operativas, os critérios pedagógicos, os sistemas de governo e de convivência, as actividades e os métodos apostólicos, enfim, a vossa própria identidade carismática de grupo bem definido dentro da Igreja. Este modo de vida em fraternidade constitui um desafio e uma proposta no mundo actual, muitas vezes "dilacerado pelo ódio étnico ou pela loucura homicida", açoiado pelas paixões e pelos interesses contrastantes, desejoso de unidade mas incerto sobre "qual caminho seguir" (cf. *Vita consecrata*, 51). Viver a fraternidade dos verdadeiros discípulos de Cristo pode constituir uma singular "bênção" para a Igreja e uma "terapia espiritual" para a humanidade (cf. *ibid.*, 87). A fraternidade evangélica, de facto, colocando-se "quase como modelo e fermento de uma vida social, convida os homens a promover entre si relações fraternas e a

unir as forças em vista do desenvolvimento e da libertação de toda a pessoa humana, assim como de um autêntico progresso social" (*Constituições da O.F.M. Cap.*, 11, 4). Como irmãos e membros da fraternidade, vós constituís uma "Ordem de Irmãos". Este peculiar estilo fraterno deve reflectir e favorecer o sentido de pertença de todos a uma grande família sem fronteiras. Uma conversão contínua e total à "fraternidade" por parte dos indivíduos das Fraternidades locais e das Províncias poderá conduzir-vos a um tipo de globalização da caridade vivida pelos irmãos a nível de Ordem, com a possibilidade real e plenamente normal de dispor dos recursos individuais e comunitários para o serviço fraterno e "minorítico" das exigências prioritárias e gerais da inteira Fraternidade capuchinha.³ Outro tema ao qual pretendo ater-me é o do amor para com a pobreza à luz da "minoridade". Este termo qualifica a vossa denominação completa ("Frades Menores") e abraça, juntamente a outros aspectos significativos do carisma capuchinho, a própria pobreza. Na dimensão da "minoridade", que deve caracterizar o vosso ser e agir, concentra-se neste momento a atenção de toda a Ordem em vista do Conselho Plenário. Estou certo de que as reflexões emergidas neste "Capítulo das Esteiras" contribuirão para compreender e realizar cada vez mais concretamente este valor, o qual especificamente vos identifica na Igreja. Como tive a oportunidade de vos dizer noutra ocasião, isso torna-vos "próximos e solidários com as pessoas humildes e simples", e faz da vossa fraternidade menor "um ponto de referência cordial e acessível aos pobres e a todos os que sinceramente buscam a Deus" (*Mensagem* de 18 de setembro de 1996). "Tornar-se menor" comporta um coração livre, abnegado, humilde, manso e simples, como Jesus nos propôs, e foi vivido por São Francisco; requer uma total renúncia a si mesmo e uma plena disponibilidade para com Deus e com os irmãos. Viver esse "tornar-se menor" exprime a força desarmada e desarmante da dimensão espiritual na Igreja e no mundo. Mas não só isso! O verdadeiro "tornar-se menor" liberta o coração e torna-o disponível a um amor fraterno sempre mais autêntico, que se dilata num grande leque de comportamentos típicos. Favorece, por exemplo, um estilo caracterizado por disposições de simplicidade e sinceridade, espontaneidade e concretude, humildade e alegria, abnegação e disponibilidade, proximidade e serviço, particularmente diante do povo e das pessoas menores e necessitadas.⁴ Junto ao amor fraterno e ao amor à pobreza, meditareis ainda sobre o amor fiel à Igreja. Amor que exige de vós a imitação do vosso Pai e Irmão São Francisco, uma disposição de fé e de obediência, que se traduz num serviço humilde e criativo, capaz de tornar a vida um "sinal" estimulador e convincente de fidelidade eclesial e de abertura aos irmãos. São Francisco fez-se promotor e porta-voz de uma mensagem de renovação evangélica humilde mas incisiva, porque conseguiu propor o Evangelho na sua integridade e pureza através de uma vida voltada para o amor, a proximidade, o diálogo e a tolerância cristã. Testemunhai, caríssimos, a vossa obediência à Igreja com o coração e com o modo de ser do vosso Fundador. Trata-se de um empenho sem descanso que vos tornará felizes e conscientes de gastar a existência pelo Reino de Deus em nome de Jesus.⁵ Desejo de coração que o "Capítulo das Esteiras" produza os frutos espirituais esperados, ajudando-vos a descobrir a justa direcção para caminhar, fiéis ao vosso carisma, em um mundo que muda. É bom para vós reencontrar-vos juntos a fim de reforçar a vossa vocação fraterna, como menores e eclesiais. Num ambiente de oração, de reflexão e de diálogo podeis apreciar melhor a graça de serdes filhos e irmãos de São Francisco, e ser-vos-á possível pôr em evidência a vossa missão neste início do Terceiro Milénio. Discernindo e perscrutando o passado, abri-vos-eis às exigências do presente para construir juntos o futuro da vossa Ordem. Desejo, ainda, que este importante encontro vos ajude a compreender ainda mais a urgência de dever percorrer o "caminho estreito" do Evangelho: o caminho da conversão permanente a Cristo, que é o caminho da santidade. Segundo o ensinamento evangélico, é preciso mudar o coração se queremos sinceramente mudar de vida. De outro modo, pode-se correr o risco de experimentar o desencanto e a frustração, enquanto resultariam inúteis as palavras e as propostas, embora belas, encontros e reuniões, e tornar-se-iam vãs tantas energias dispendidas para elaborar programas espirituais e apostólicos. Que vos assista nesta tensão em busca da perfeição cristã a "Virgem feita igreja" (*FF*, 259), Santa Maria dos

Anjos, Rainha da Ordem dos Menores. Que vos sustente e vos encorage a constante intercessão de São Francisco e dos numerosos Santos e Beatos Capuchinhos, a fim de que possais viver a fidelidade na mudança mediante a conversão permanente do coração.

Com estes desejos, concedo a vós, aos outros Irmãos da Itália e do mundo inteiro, uma especial Bênção Apostólica. *Vaticano, 22 de Outubro de 2003.*

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana